

**As expectativas dos homens trans diante da hormonização cruzada: contribuições da enfermagem no cuidado em saúde**

**Expectations of trans men in the face of cross-sex hormone therapy: nursing contributions to health care**

**Las expectativas de hombres transgénero cuanto a la terapia de sustitución hormonal: contribuciones de la enfermería al cuidado a la salud**

Recebido: 05/11/2020 | Revisado: 09/11/2020 | Aceito: 14/11/2020 | Publicado: 18/11/2020

**Andréa Felizardo Ahmad**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1269-3612>

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

E-mail: [andreafelizardo.enfermeira@gmail.com](mailto:andreafelizardo.enfermeira@gmail.com)

**Beatriz Rodrigues Silva Selles Dantas**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7906-635X>

Universidade Federal Fluminense, Brasil

E-mail: [biaselles@gmail.com](mailto:biaselles@gmail.com)

**Fabiana Albino Fraga**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4625-1679>

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

E-mail: [fabiana\\_albino2014@hotmail.com](mailto:fabiana_albino2014@hotmail.com)

**Aiarlen dos Santos Meneses**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7425-5004>

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

E-mail: [aiarlenmeneses@hotmail.com](mailto:aiarlenmeneses@hotmail.com)

**Cláudia Regina Ribeiro**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0262-0073>

Universidade Federal Fluminense, Brasil

E-mail: [13cribeiro@gmail.com](mailto:13cribeiro@gmail.com)

**Adriana Lemos**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9705-6200>

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

E-mail: [adrianalemos@unirio.br](mailto:adrianalemos@unirio.br)

## **Resumo**

Esse estudo objetivou conhecer as expectativas dos homens transexuais ante a hormonização, apontando as contribuições que a enfermagem pode agregar no cuidado em saúde e justifica-se diante da colaboração da enfermagem para a redução da discriminação e da violência através da promoção da saúde. Além disso, a enfermagem se faz presente na construção do conhecimento e de políticas públicas de saúde, que impactam de forma direta e indireta na saúde de homens transexuais. A metodologia utilizada foi a exploratório - descritiva com abordagem qualitativa, realizada em um ambulatório de saúde trans localizado em Niterói, RJ, com a participação de doze homens transexuais. Como resultados, percebeu-se que as mudanças corporais permitem a visibilidade social e a aceitação na sociedade cisheteronormativa. Narrativas sobre a passabilidade demonstram a preocupação com a segurança e mencionam que, por outro lado, pode ser a oportunidade de alcançar tranquilidade. Concluiu-se que as expectativas objetivas dos homens transexuais em relação à hormonização cruzada perpassam pela mudança na face, voz e corpo e eles enxergam esse processo como passaporte para obter satisfação com o próprio corpo. E como expectativas subjetivas, a liberdade, o respeito e a felicidade. A enfermagem pode colaborar no processo de transição dos homens transexuais por ser forte atuante na educação em saúde e na construção de políticas públicas, favorecendo a minimização dos riscos e danos diante da vulnerabilidade social a qual esse público está exposto e contribuindo para a redução da violência.

**Palavras-chave:** Hormonização; Pessoas transexuais; Cuidado transicional; Enfermagem.

## **Abstract**

This study aimed to know the expectations of transsexual men regarding the process of cross-sex hormone therapy, analyzing nursing contributions to health care. This study is justified in view of the collaboration of nursing to reduce discrimination and violence through health promotion. In addition, nursing is present in the construction of knowledge and public health policies, which have a direct and indirect impact on the health of transsexual men. This was an exploratory-descriptive study with a qualitative approach, carried out in a trans health clinic in Niterói, Rio de Janeiro, with the participation of twelve transsexual men. As a result, it was noticed that bodily changes allow social visibility and acceptance in a cisheteronormative society. The narratives demonstrate a concern for the ability to “pass” and with security, but, on the other hand, it may be an opportunity to achieve a tranquil life. It was concluded that the objective expectations of transsexual men in relation to cross-sex hormone therapy involve the change in their face, voice and body, and they see this process as a way to

obtain satisfaction with their own body. As subjective expectations, there is freedom, respect, and happiness. Nurses can collaborate in the transition process of transsexual men because they have an important role in health education and in the construction of public policies, favoring the minimization of risks and damages in the face of the social vulnerability to which this public is exposed, contributing to the reduction of violence.

**Keywords:** Cross-sex hormone therapy; Transgender persons; Transition care; Nursing.

## **Resumen**

El objetivo de esa investigación es conocer las expectativas de hombres transexuales cuanto a la terapia hormonal, puntuando las contribuciones que la enfermería puede agregar en el cuidado a la salud. Él se justifica por la colaboración de la enfermería para reducir la discriminación y la violencia por medio de la promoción de la salud. Además, la enfermería es presente en la construcción del conocimiento y de políticas públicas de salud, que impactan directa e indirectamente en la salud de hombres transexuales. Se utilizó una metodología exploratoria y descriptiva con abordaje cuantitativo, en un ambulatorio de salud transexual en Niterói, Rio de Janeiro, con la participación de doce hombres transexuales. Como resultados, se percibió que los cambios corporales hacen la visibilidad social y la aceptación en la sociedad cis-heteronormativa posibles. Narrativas sobre la “pasabilidad” muestran preocupación con seguridad y dicen que, por otro lado, puede ser la oportunidad de alcanzar la tranquilidad. Se ha concluido que las expectativas objetivas de los hombres transexuales con respecto a la terapia de sustitución hormonal pasan por el cambio en su rostro, voz, y cuerpo, y ellos ven ese proceso como pasaporte para satisfacción con su propio cuerpo. Sus expectativas subjetivas son la libertad, el respeto y la felicidad. La enfermería puede colaborar en su proceso de transición por tener una actuación fuerte en la educación en salud y en la construcción de políticas públicas, favoreciendo la minimización de los riesgos y daños considerando la vulnerabilidad social a la que ese público está expuesto y contribuyendo para la reducción de la violencia.

**Palabras clave:** Terapia hormonal; Personas transexuales; Cuidado transicional; Enfermería.

## **1. Introdução**

A construção da identidade de gênero inicia-se antes mesmo do nascimento, em virtude do sexo atribuído ao feto em razão da sua genitália. A concordância com essa

imposição social caracteriza a pessoa cisgênero; já a pessoa transexual é aquela que possui identidade de gênero diferente da atribuída por outrem.

Para se adequarem ao corpo desejado, algumas pessoas trans recorrem à hormonização cruzada, que consiste na administração de fármacos à base de testosterona (para homens trans) e estrogênio (para mulheres transexuais). É chamada de cruzada devido ao fato de ambos hormônios estarem em todos os corpos, porém um em menor quantidade que o outro, em função do desenvolvimento dos caracteres secundários inerentes ao sexo biológico (Coleman et al., 2012).

A hormonização cruzada está condicionada ao acesso a serviços de saúde importantes para os homens transexuais, porém estes se vêem obrigados a aceitar uma condição patológica inexistente e a serem assistidos por uma comissão de profissionais de saúde que concorde com a condição atual do “paciente”, devendo atender a pelo menos dois critérios entre a identidade de gênero e o gênero designado ao nascimento: repulsa às características manifestadas pelo corpo e a percepção de pertencer a outro gênero, situações essas que exprimem intenso sofrimento e prejuízo na vida social (Butler, 2009).

O objetivo desse estudo foi conhecer as expectativas dos homens transexuais em relação à hormonização cruzada, apontando as contribuições da enfermagem no cuidado em saúde. Essa pesquisa se justifica em face da atuação da enfermagem diante da promoção da saúde à pessoas que se tornam invisíveis perante a discriminação por parte da sociedade cisnormativa, contribuindo assim para a redução da violência e do preconceito. Portanto, essa pesquisa é relevante perante a contribuição da enfermagem no campo da ciência e da pesquisa e na construção do conhecimento, impactando de forma direta e indireta não só na saúde dos homens trans, mas também na saúde das mulheres transexuais.

## **2. Metodologia**

Este estudo é um recorte da pesquisa de mestrado intitulada "Ah sei lá, só quero ser eu!": Significados, saberes e práticas da hormonização cruzada na saúde de mulheres e homens trans", cuja proposta metodológica foi a exploratório - descritiva com abordagem qualitativa, o que permite ao pesquisador maior profundidade com o tema através de investigação minuciosa; fazendo correlação entre os estudos, caracterizando-os e integrando-os às hipóteses e questionamentos formulados. Nesse contexto, Minayo (2014) aponta que a compreensão e a interpretação dos fenômenos estudados são a base para a pesquisa

qualitativa, com ênfase nas observações de campo e senso comum apurado, a fim de captar além das falas expressas pelo participante da pesquisa.

O cenário escolhido para esta pesquisa foi um ambulatório de saúde trans localizado na cidade de Niterói, RJ, pois trata-se de um espaço destinado exclusivamente ao cuidado em saúde da população trans. A aproximação com cenário iniciou-se em julho de 2019 por meio de uma visita técnica, na qual ocorreram diálogos com os profissionais atuantes no ambulatório e com usuários do serviço.

Os participantes do estudo foram doze homens transexuais maiores de idade atendidos no ambulatório e selecionados de forma aleatória simples; e o trabalho de campo foi realizado no período de julho de 2019 a janeiro de 2020.

Os homens trans que participaram desta pesquisa, após serem informados sobre a justificativa, os objetivos e a metodologia do estudo, assinaram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), que foi elaborado de acordo com a norma que o regulamenta, em linguagem clara e objetiva com as informações essenciais para facilitar a compreensão dos participantes. Foi ainda assegurada a confidencialidade dos dados, bem como o respeito ao anonimato. Assim, os participantes do estudo receberam um codinome com a letra “H” (homem trans), seguida de números (H1, H2, etc), de acordo com a ordem de realização das entrevistas, a fim de garantir o sigilo e o anonimato.

Os participantes responderam a uma entrevista semi-estruturada composta por nove questões relacionadas às suas expectativas diante da hormonização cruzada e as entrevistas foram audiogravadas e tão logo transcritas, a fim de verificar a saturação teórica dos dados e posteriormente realizar a análise de conteúdo.

A respeito da definição do número de participantes, foi utilizada a técnica de amostragem por saturação teórica, caracterizada por Fontanella, Ricas e Turato (2008) como um recurso que consiste na interrupção da captação de dados a partir da repetição de ideias, de forma que o acréscimo de entrevistas não mais contribua para atingir os objetivos propostos.

O tratamento dos dados deu-se por análise de conteúdo de Bardin (2011), cuja técnica consiste na avaliação dos discursos coletados por meio de instrumentos que permitam a descrição organizada e imparcial do conteúdo a ser analisado. Após essa etapa, os dados foram sistematizados de acordo com Oliveira (2008), sendo realizada a leitura flutuante das entrevistas e a definição das unidades de registro (UR) a partir das falas das pessoas entrevistadas. Em seguida, as UR foram classificadas em unidades de significação (US) e posteriormente categorizadas.

Em cumprimento às questões éticas em pesquisa com seres humanos, este estudo foi

submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade Federal Fluminense (UFF) com o Certificado de Apresentação de Apreciação Ética (CAAE) número 10003219.6.0000.5243 e aprovado sob número 4.043.089, de acordo com as Resoluções nº 466 / 2012 e nº 510 / 2016 do Conselho Nacional de Saúde (CNS), que regulamentam os critérios e cuidados para a realização de pesquisas envolvendo seres humanos no Brasil.

### **3. Resultados e Discussão**

#### **Caracterização dos participantes**

As entrevistas foram realizadas no período de julho de 2019 a janeiro de 2020 e foram finalizadas na entrevista de número 12, momento em que constatou-se a ausência de novos fenômenos. A idade dos participantes variou entre 19 e 32 anos; a orientação sexual predominante foi a heterossexual e a maioria dos participantes se declarou como pardos ou negros. Quanto à escolaridade, predominou o ensino superior incompleto.

Foi realizada a leitura flutuante de todas as entrevistas e construídas as hipóteses provisórias. Em seguida, as UR foram elaboradas de acordo com as falas dos entrevistados, totalizando 71 UR e, após a análise temática, foram agrupadas em 14 US, de acordo com os temas encontrados. A análise categorial das US encontradas a partir da frequência das UR fez emergir duas categorias, a saber

- 1 - Expectativas objetivas
- 2 - Expectativas subjetivas

#### **Categoria 1 - Expectativas Objetivas**

Esta categoria foi elaborada a partir da concepção de 34 UR do corpus de análise, originando 06 US, ei-las: aparência, voz, corpo, barba, curvas e passabilidade. Nesse contexto, as discussões a seguir foram fundamentadas nas narrativas dos homens trans participantes da pesquisa.

No intuito de adequação ao gênero ao qual a pessoa se legitima, a Portaria 2803 de 19 de novembro de 2013 (Brasil, 2013), que redefine e amplia o processo transexualizador no Sistema Único de Saúde (SUS), estabelece o cuidado à saúde da pessoa trans no contexto de acolhimento na atenção primária em saúde e encaminhamento à atenção especializada, a fim

de que a hormonização cruzada e / ou a cirurgia de redesignação sexual sejam devidamente assistidas.

Cortes (2018) destaca os conflitos na busca incessante por respeito nos mais diversos espaços, públicos ou privados, seja para cuidado em saúde ou em ambientes laborais, nos quais a pessoa trans precisa por vezes moldar-se para obter um mínimo de tratamento digno; o que a autora denomina como "cirurgia social".

Diante do processo transexualizador, a hormonização cruzada objetiva desenvolver os caracteres secundários masculinos e inibir os femininos, possibilitando que o homem trans seja percebido de acordo com o gênero com o qual se identifica (Coleman et al., 2012).

Dessa forma, são grandes as expectativas pelas mudanças corporais diante da visibilidade social, pois o uso de hormônio perpassa não só pela transformação física, mas também pela aceitação na sociedade cisheteronormativa.

Essa é uma imposição marcada pela violência e pelo desrespeito aos homens trans e as falas a seguir demonstram isso:

*"Eu sinto vergonha de ser assim, da minha aparência, da minha voz." (H01)*

*"Por que a pessoa fica "mas que que é você?" Por que minha aparência não é, eu não sou completamente transicionado, aí às vezes dá uma confusão!" (H02)*

Contudo, o uso de hormônios com acompanhamento profissional se mostra propício quando o objetivo é a alteração dos caracteres sexuais secundários, sendo os mais desejados pelos homens transexuais o agravamento da voz e o surgimento de pelos. Dessa forma, a hormonização cruzada não é recomendada e adotada apenas como etapa anterior às cirurgias de redesignação sexual, mas por vezes é um processo que se encerra em si na busca das mudanças desejadas (Santos, 2015).

Nesse contexto, considera-se que as mudanças corporais permitem que a identidade de gênero seja perceptível, como se vê no relato abaixo:

*"Eu entendo que a barba é um marcador de gênero muito forte e é isso, no momento que nasceu um pelo na minha cara, as pessoas começaram a me tratar como homem. Mas ao mesmo tempo, pra mim, o peito também é um marcador social muito forte." (H10)*

Além disso, é primordial considerar a dificuldade de acesso à saúde a qual padecem os homens trans, muitas vezes sem conseguir atendimento em face ao despreparo profissional, à discriminação e à desarticulação das redes de atenção primária e secundária (Saadeh, Cordeiro & Caetano, 2015).

Destaca-se que a desarmonia entre a atenção primária em saúde e a secundária impedem o cuidado em saúde para além da construção do corpo, pois os homens transexuais precisam de atendimento em saúde em sua totalidade e não apenas que contemplem o processo transexualizador. Portanto, é imprescindível a adequada articulação entre as esferas em prol de ações de saúde fundamentais para que o cuidado em saúde seja integral e equânime, ainda que existam (poucos) espaços de atenção à saúde específicos para a população transexual (Teixeira, Morais & Teixeira, 2015).

Nesse contexto, a enfermagem é fundamental para o acolhimento e também para a promoção da saúde e prevenção de doenças, além de contribuir para a construção de políticas públicas para que essas pessoas tornem-se visíveis e tenham seus direitos respeitados.

Contudo, a saúde dos homens trans não é apontada na grade curricular de enfermagem, visto que disciplinas como saúde da criança e do adolescente, saúde do homem e saúde do idoso contemplam especificamente o homem cisgênero. Assim, faz-se necessária a discussão da saúde dos homens trans dentro das variadas disciplinas da graduação em Enfermagem como forma de inclusão e de aprimoramento da temática (Matta, Santos Junior, Costa, & Araújo, 2020).

A atenção integral em saúde que a enfermagem proporciona entra por vezes em conflito quando o assunto é a saúde do homem trans, em face ao despreparo e desconhecimento de alguns profissionais. Iniciar na graduação em enfermagem o olhar holístico em relação aos usuários trans dos serviços de saúde contribui para a redução da transfobia e amplia o acesso a esses serviços de acordo com suas necessidades e demandas (Duarte, Queluci, Ferreira & Chiszostimo, 2020).

O incentivo durante a trajetória da transição em prol de sentirem-se melhor com o seu corpo pode estar na sensação de não estarem sozinhos nesse caminho, como mostram as narrativas a seguir:

*"Quando eu percebi que realmente estava acontecendo, que a terapia hormonal e tudo mais e todo mundo me apoiando, eu fiquei mais motivado, mais esperançoso, com mais vontade de viver, essas coisas... (ter) a voz grossa e feições mais masculinas, coisas que os caras geralmente tem."(H02)*



*"Eu vim buscar a minha transformação, a minha transição...eu quero que meu corpo fique de um rapaz, a voz de um rapaz...vai me fazer feliz...não que eu evolua só por fora, mas que eu possa também ser uma pessoa melhor, por dentro, a cada dia."*  
(H04)

Reintera-se que o apoio promovido pelas bases familiares, escolares, religiosas e sociais impactam de forma significativa e positiva quando o assunto é inclusão. Há de se destacar as relações de poder que tais bases detém no processo de desenvolvimento humano e que a objeção ao que está fora do padrão cisheteronormativo é mais frequente do que o apoio que esses espaços concedem. Dessa forma, não é incomum que os homens trans abandonem seus lares e espaços de convívio ou seja expulsos dos mesmos, caracterizando assim a violência social (Janini & Santos, 2020).

Os fragmentos abaixo demonstram a expectativa dos homens trans em relação ao corpo ideal que almejam:

*"A distribuição da gordura, que eu não gosto...tipo, eu tenho disforia com as minhas curvas, eu não gosto de ter quadril, eu não gosto de ter seios, tudo isso me incomoda. Então, esse é o principal que eu não gosto. Eu espero tudo, mas essa parte é que me incomoda mais."* (H06)

*"Eu até tenho uma certa passabilidade...eu queria que minha voz engrossasse um pouco mais, que o meu corpo ficasse mais reto...a hormonização vai me deixar mais feliz comigo mesmo."* (H12)

Destaca-se que a passabilidade permite que o homem transexual não tenha sua identidade de gênero questionada, favorecendo assim a convivência na sociedade cisnormativa de forma menos violenta em face à imagem corporal que apresenta. A dimensão da passabilidade demonstra não só a percepção da transformação corporal como também das mudanças subjetivas.

Em vista disso, podemos refletir sobre a passabilidade durante a construção dos novos corpos. Passabilidade significa passar por e não há consenso a respeito da aceitação ou da rejeição da mesma. Há homens trans que não desejam passar-se por homens cisgênero; querem apenas ser homens. Em contrapartida, há homens trans que buscam a passabilidade

como forma de poderem transitar em lugares públicos, sem serem questionados sobre a sua identidade de gênero (Pontes & Silva, 2018).

Há uma discrepância nesse conceito, pois ao mesmo tempo que a passabilidade permite a visibilidade do corpo masculino como ditam as regras cisnormativas, também possibilita a invisibilidade da sua transexualidade. Dessa forma, Duque (2017, p.18) acrescenta: "a inteligibilidade da heterossexualidade normativa/hegemônica é um dos fatores constitutivos do reconhecimento com a passabilidade".

Os trechos a seguir confirmam isso:

*"E uma coisa que mexe muito comigo, também, é essa questão da passabilidade... querendo, ou não, traz segurança às pessoas trans, sabe? É mais por uma questão de segurança mesmo, essa questão do eu querer ser passável." (H09)*

*"A passabilidade é o que faz com que a gente consiga viver tranquilo na sociedade, falando de um âmbito físico. Mas, pra mim, por exemplo, a passabilidade não deixaria eu viver de uma maneira tranquila psicologicamente, porque eu morro de medo de ser confundido com alguém cis." (H10)*

Podemos perceber que as expectativas objetivas dos homens trans perpassam não só pela construção do corpo que almejam; essa construção representa também a conquista de respeito e tranquilidade em suas vidas, caracterizando assim as expectativas subjetivas.

## **Categoria 2 - Expectativas subjetivas**

Esta categoria representou um total de 37 UR do corpus de análise e foram agrupadas em oito US: tranquilidade, felicidade, liberdade, respeito, percepções sociais, constrangimento, ansiedade e violência.

Além da perspectiva da transformação física, os homens trans possuem anseios que ultrapassam essa fase da transição. Ter sua identidade de gênero percebida fisicamente é a oportunidade de alcançar tranquilidade no cotidiano e sentimentos como felicidade, liberdade e respeito foram mencionados pelos participantes desse estudo:

*"Vim buscar uma satisfação pessoal... não era a felicidade, porque eu não era infeliz, mas eu vim buscar uma nova visão da felicidade, sabe, literalmente. Eu vim buscar*

*essa liberdade de ser quem eu queria ser; eu estou buscando com toda essa história é a minha satisfação." (H05)*

*"Ah, você olhar e se sentir bem. Sentir que... que é você. Você não se sentir incomodado do jeito que você tá. Na rua mesmo eu não... Não sou respeitado..." (H08)*

*"Vai me fazer feliz (a hormonização)... não que eu evolua só por fora, mas que eu possa também ser uma pessoa melhor, por dentro, a cada dia." (H04)*

Com o objetivo de adequar o homem transexual à sociedade cisnormativa, há profissionais que não se preocupam com a vulnerabilidade diante da violência sofrida em todos os aspectos, sendo esse sim, um grande fator de impacto para a saúde (Butler, 2009).

Essa conduta atinge a autonomia do usuário, pois por vezes o homem trans prefere não adotar trejeitos, atitudes e aparência do gênero ao qual se identifica devido ao risco de sofrer violência urbana e doméstica ou ser taxado de homossexual – o que não tem a ver com a identidade de gênero (Borba, 2016).

Salienta-se que o gênero neutraliza as relações de poder entre machos e fêmeas, pois gênero está atribuído à identidade que se percebe e se constrói, não sendo relativo à genitália com o qual nasceu nem ao sexo atribuído ao nascimento (Scott, 1986).

Podemos destacar que perceber-se num corpo que não está adequado à identidade de gênero remete ao trânsito entre os gêneros. Assim, a identidade de gênero não é construída de forma aleatória, mas baseada no que já existe; a pessoa pode se sentir incomodada ou não pelo gênero já atribuído por outros (Bento, 2008).

Desse modo, o homem transexual permite por vezes situações que geram ansiedade e desconforto, identificados nos relatos:

*"Eu tive que passar por 6 meses de acompanhamento psiquiátrico, antes de começar os hormônios; com a psiquiatra, eu comecei a tomar antidepressivo. Eu não tinha que tomar antidepressivo. A minha ansiedade era porque eu tava naquele ambiente e não porque eu sou ansioso e depressivo. Isso é uma violência muito forte!" (H03)*

*"Se eu retificasse agora (o nome) com a aparência um pouco feminina que eu tenho,*

*ainda assim eu ficaria meio confuso, né? Mentalmente..."(H07)*

Nesse contexto, a patologização da transexualidade migra para vertentes discriminatórias, porém ela está condicionada ao acesso a serviços de saúde importantes para a população transexual, como a hormonização e as cirurgias de redesignação sexual. Dessa forma, a pessoa transexual se vê obrigada a ser assistida por uma comissão de profissionais de saúde que concordem que a condição atual provoca sofrimento, cujo objetivo é conseguir os recursos médicos necessários para a transição, seja na rede privada ou na rede pública (Butler, 2009).

Nessa perspectiva, o Conselho Federal de Medicina do Brasil (CFM) considera “ser o paciente transexual portador de desvio psicológico permanente de identidade sexual, com rejeição do fenótipo e tendência à automutilação e/ou autoextermínio” (CFM, 2010, p.01).

Nesse sentido, a Organização Mundial de Saúde (OMS) extraiu o código F64 - Transtorno de Identidade de Gênero - da nova edição da Classificação Internacional de Doenças (CID), a ser vigorada a partir de 01 de janeiro de 2022. Assim, a transexualidade deixa de existir como transtorno mental e passa a ser incluída na categoria Condições Relacionadas à Saúde Sexual, sob o termo Incongruência de Gênero (WHO, 2018).

Em vista disso, o reconhecimento de que pessoas transexuais não são pessoas doentes impactou positivamente em vários órgãos oficiais, como a Organização das Nações Unidas Brasil (ONU Brasil), que acredita que essa determinação da OMS estabelecerá políticas públicas que resultarão em melhores condições de saúde e redução de morbidades relacionadas à diversidade, tais como “estupro corretivo” e “terapia da conversão” (ONU Brasil, 2019).

Entende-se que despatologizar a transexualidade significa a evolução positiva da sociedade, ainda que de forma lenta e restrita; sendo esse um fator condicionante para que a mudança de corpos ocorra em virtude do desejo da população transexual e não em prol da normatização de corpos exigida pela sociedade.

Podemos perceber a necessidade da criação de espaços onde a enfermagem possa estar presente na construção de projetos terapêuticos para a população trans e na criação de vínculos, estabelecendo assim a confiança tão necessária para o acolhimento nos serviços de saúde (Rosa et al., 2019).

Não se identificar com o gênero atribuído ao nascimento a partir do sexo anatômico pode significar a incompatibilidade entre o que se vê (imagem corporal) e o que se é (identidade) (Spizzirri, 2015).

Em vista disso, há percepções sociais indesejáveis, como demonstram as narrativas abaixo:

*"Eu não acho que eu faço minha hormonização porque eu não estou bem com o meu corpo, eu faço minha hormonização, por que a sociedade não está bem com o meu corpo." (H10)*

*"A sociedade me lê enquanto mulher por causa dos meus seios e eu entendo que eu sou um homem trans; eu vejo o reflexo da sociedade sobre o meu corpo." (H11)*

Entende-se essas percepções sociais indesejadas por cisheteronormatividade compulsória, caracterizada por práticas e atitudes ditas como normativas desse ou daquele gênero, "infligindo punições contra aqueles/as que a subvertem e reforçando comportamentos daqueles/as que se adequam para que (re)produzam outros corpos e subjetividades que se adequem à cisheteronorma" (Rosa, 2020, p. 100).

Dessa forma, compreende-se que para viver e sobreviver à sociedade cisheteronormativa, o homem trans está suscetível a atitudes contrárias às suas convicções, sujeitando-se a assumir papéis que não lhe agradam no intuito de preservar-se de maiores dissabores.

Além disso, transitar de um corpo de mulher cisgênera para um corpo masculino trans pode promover outras formas de violência, como se vê nos fragmentos abaixo:

*"Quando eu comecei a me vestir de homem, cortei o cabelo...uns caras lá perto onde eu moro falou que ia me matar, sofri essa violência." (H04)*

*"Me respeita porque eu tô nesse corpo de mulher, mas eu sou um homem. A minha cabeça era assim, eu tô de salto, eu tô de vestido, eu tô de cabelo grande, de maquiagem, mas eu sou homem." (H05)*

*"Tô passando por umas coisas muito pesadas que um homem preto vive, sabe... eu vim agora no trem sentei do lado de uma senhora e ela foi e trocou de lugar...eu saí de um corpo que era objeto e que agora é ameaça." (H11)*

Observa-se que o processo de transição requer a mudança de conceitos incrustados para que o homem trans tenha paz e tranquilidade consigo, com o outro e com o mundo. A percepção das modificações corporais causa extrema alegria diante da vivência de experiências e emoções novas; é saber que não será fácil, mas que há pessoas e profissionais empenhados em ajudar nesse caminho, compensatório ao final.

#### **4. Considerações Finais**

Esse estudo demonstrou que as expectativas dos homens trans em relação à hormonização cruzada vão além das modificações do corpo, pois com estas eles pretendem alcançar transformações de vida. Eles anseiam por mudanças na face, na voz e também pela remodelação do corpo e enxergam que esse processo é o passaporte para obter liberdade de percorrer os mais variados espaços. As narrativas apresentadas revelaram que a passabilidade pode expor o homem trans a experiências desejadas e que essa vivência contribui para obter respeito e tranquilidade. As mudanças corporais também geram consequências indesejadas como a violência física, seja pela passabilidade; seja quando a mesma não é visível. A enfermagem pode colaborar no processo de transição como parte da equipe multidisciplinar do processo transexualizador e também na construção de políticas públicas de saúde, além de ser forte atuante na educação em saúde, favorecendo a minimização dos riscos e danos diante da vulnerabilidade social a qual esse público está exposto.

Através desse estudo foi possível perceber que as expectativas dos homens trans em relação à hormonização cruzada podem levantar outras discussões importantes, tais como a marginalização do corpo trans, a violência sofrida por esse público em diversos aspectos e reflexões sobre a saúde mental. Dessa forma, sugere-se mais estudos voltados a essas discussões, pois estes contribuirão para a redução das discriminações que esse público padece.

Esta pesquisa permite que a enfermagem avance na excelência do cuidado em saúde através da ciência e da pesquisa, de modo a alcançar para as pessoas trans a melhor assistência em enfermagem, seja no cuidado direto, seja na educação em saúde, seja na disseminação do conhecimento de forma indiscriminatória e inclusiva.

Podemos apontar como limitações do estudo a ausência de enfermeiras e enfermeiros atuantes na promoção da saúde das pessoas trans no espaço de saúde onde a pesquisa foi realizada e a carência de discussões sobre a temática durante a graduação em enfermagem. Diante disso podemos recomendar a inclusão da temática saúde da população LGBT não só durante a graduação em enfermagem como em outros cursos de assistência à saúde, fator esse

que gerará impacto na saúde da população trans através do preparo profissional para atender as necessidades e demandas desse público.

## Referências

Bardin, L. (2011). *Análise de Conteúdo*. São Paulo: Edições 70.

Bento, B. A. M.(2008). *O que é transexualidade*. São Paulo, Brasiliense.

Borba, R. (2016). *O (Des)Aprendizado de Si: transexualidades, interação e cuidado em saúde*. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ.

Brasil (2012). *Resolução 466, de 12 de dezembro de 2012*. Recuperado de [http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/cns/2013/res0466\\_12\\_12\\_2012.html](http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/cns/2013/res0466_12_12_2012.html).

Brasil (2013). *Portaria 2.803, de 19 novembro de 2013*. Redefine e amplia o Processo Transexualizador no Sistema Único de Saúde (SUS). Recuperado de [http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2013/prt2803\\_19\\_11\\_2013.html](http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2013/prt2803_19_11_2013.html).

Brasil (2016). *Resolução 510, de 07 de abril de 2016*. Recuperado de <http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2016/Reso510.pdf>.

Butler, J. (2009). *Desdiagnosticando o gênero*. 124 *Physis Revista de Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, 19 (1), 95-126.

Coleman, E., Bockting, W., Botzer, M., Cohen-Kettenis, P., DeCuypere, G., Feldman, J., Zucker, K. (2012). Terapia hormonal. In *Normas de atenção à saúde das pessoas trans e com variabilidade de gênero*, 36 - 57. World Professional Association for Transgender Health (WPATH):7ª versão. Recuperado de <https://www.wpath.org/publications/soc>.

Conselho Federal de Medicina (2010). *Resolução CFM 1955 / 2010*. Recuperado de <https://sistemas.cfm.org.br/normas/visualizar/resolucoes/BR/2010/1955>.

Cortes, H. M. (2018). *A transgeneridade feminina e os processos de mudanças corporais*. *J. nurs. health*, 8(2), e188211. Recuperado de <https://doi.org/10.15210/jonah.v8i2.14345>.

Duarte, D. D., Queluci, G. C., Ferreira, H. C. & Chiszostimo, M. M. (2020). A perspectiva do enfermeiro no cuidado diante da pessoa trans. *Research, Society and Development*, 9 (4), e61942845. Recuperado de <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v9i4.2845>.

Duque, T. (2017) “A gente sempre tem coragem”: identificação, reconhecimento e as experiências de (não) passar por homem e/ou mulher. *Cadernos pagu*(51), e175110. Recuperado de <https://www.scielo.br/pdf/cpa/n51/1809-4449-cpa-18094449201700510010.pdf>.

Fontanella, B. J. B., Ricas, J., & Turato, E. R. (2008) Amostragem por saturação em pesquisas qualitativas em saúde: contribuições teóricas. *Cad Saúde Pública*, Rio de Janeiro, 24 (1), 17-27.

Janini, J. P., & Santos, R. S. (2020). Relações sócio-familiares e a construção da personalidade da pessoa transexual. *Research, Society and Development*, 9 (9), e677997883. Recuperado de <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v9i9.7883>.

Matta, T. F., Santos Junior, E.C., Costa, C. M. A. & Araújo, L. M. (2020). Saúde LGBT e currículo de enfermagem: visão de futuras enfermeiras. *Research, Society and Development*, 9 (9), e722997855. Recuperado de <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/7855>.

Minayo, M. C. S. (2014). *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. (14a ed.), - São Paulo: Hucitec, 416p.

Oliveira, D. C. (2008). *Análise de conteúdo temático-categorial: uma proposta de sistematização*. *Rev. enferm. UERJ*, Rio de Janeiro, out/dez; 16(4):569-76.

Organização das Nações Unidas Brasil (2019). *OMS retira a transexualidade da lista de doenças mentais*. Recuperado de <https://nacoesunidas.org/oms-retira-a-transexualidade-da-lista-de-doencas-mentais/>.



Pontes, J. C., & Silva, C. G. (2017). Cisnormatividade e passabilidade: deslocamentos e diferenças nas narrativas de pessoas trans. Recuperado de <https://portalseer.ufba.br/index.php/revistaperiodicus/article/view/23211>.

Rosa, E. B. P. R. (2020). Cisheteronormatividade como instituição total. Recuperado de <https://revistas.ufpr.br/petfilo/article/view/68171>.

Rosa, D. F., Carvalho, M. V. F., Pereira, N. R., Rocha, N. T., Neves, V. R. & Rosa, A. S. (2019). Nursing Care for the transgender population: genders from the perspective of professional practice. *Revista Brasileira de Enfermagem*, 72(Supl. 1), 299-306. Recuperado de <https://doi.org/10.1590/0034-7167-2017-0644>.

Saadeh, A., Cordeiro, D. M., & Caetano, L.O. (2015). Atendimento a transexuais e a travestis: crianças, adolescentes e adultos. In: *Transexualidade e travestilidade na saúde*. Ministério da Saúde. Secretaria de Gestão Estratégico e Participativa. Departamento de Apoio à Gestão Participativa. Brasília: Ministério da Saúde, 99 -110.

Santos, C. G. P. (2015). *Saúde?* Completo bem-estar psicossocial de um indivíduo: tudo que uma pessoa trans não possui. In: *Transexualidade e travestilidade na saúde*. Ministério da Saúde. Secretaria de Gestão Estratégico e Participativa. Departamento de Apoio à Gestão Participativa. Brasília: Ministério da Saúde, 17-24.

Scott, J. W. (1986). *Gender: A Useful Category of Historical Analysis*. *The American Historical Review*, 91 (5), 1053. Recuperado de <https://doi.org/10.1086/ahr/91.5.1053>.

Spizzirri, G. (2015). Aspectos genéticos relacionados ao transexualismo. Recuperado de <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/lil-747256>.

Teixeira, A. M., Morais, F. J. S. M & Teixeira, M. P. M. (2015). *Transexualidade e travestilidade na saúde*. In: *Transexualidade e travestilidade na saúde*. Ministério da Saúde. Secretaria de Gestão Estratégico e Participativa. Departamento de Apoio à Gestão Participativa. Brasília: Ministério da Saúde, 83-98.

World Health Organization (2018). International Classification of Diseases, *11th Revision (ICD-11)*. Recuperado de <https://www.who.int/classifications/icd/en/>.

**Porcentagem de contribuição de cada autor no manuscrito**

Andréa Felizardo Ahmad – 16,67%

Beatriz Rodrigues Silva Selles Dantas – 16,67%

Fabiana Albino Fraga - 16,67%

Aiarlen dos Santos Meneses - 16,67%

Cláudia Regina Ribeiro - 16,67%